

TERMINOLOGIA, TERMINOGRAFIA E LÍNGUAS DE SINAIS: NOVOS RUMOS LINGUÍSTICOS

TERMINOLLOGY, TERMINOGRAPHY AND SINGS LANGUAGES: NEW DIRECTIONS LINGUISTICS

Patricia Tuxi

¹ Professora Adjunto I do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP da Universidade de Brasília, na área de Língua Brasileira de Sinais - Libras. Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB. Desenvolve pesquisas na área de Léxico e Terminologia da Língua de Sinais. Membro pesquisadora do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro LexTerm da UnB e membro do Laboratório de Linguística de Língua de Sinais - LabLibras da UnB.

Eduardo Felten

Professor Assistente II do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP da Universidade de Brasília, na área de Língua Brasileira de Sinais - Libras. Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB. Desenvolve pesquisas na área de Léxico e Terminologia da Língua de Sinais. Membro pesquisador do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro LexTerm da UnB e membro do Laboratório de Linguística de Língua de Sinais - LabLibras da UnB.

RESUMO :Este artigo tem como objetivo apresentar uma breve retrospectiva do percurso da Terminologia apresentando os primeiros registros em dicionários até o reconhecimento formal da área. Para tanto, dividimos a escrita em dois momentos: primeiramente apresentamos um estado da arte da Terminologia sob o ponto de vista de teóricos que foram e são os precursores da área. Em segundo lugar, elencamos as pesquisas desenvolvidas na Terminologia da Língua de Sinais Brasileira por meio de uma revisão bibliográfica de dissertações e teses que têm como centro a Lexicologia e a Terminologia. A partir disso, é possível analisar os rumos linguísticos da área e o conhecer dos pressupostos adotados pelos pesquisadores de forma a elucidar melhor as questões alusivas aos estudos da Terminologia da Língua de Sinais Brasileira (LSB) tanto na Linguística geral como na de Língua de Sinais (LS).

ABSTRACT: This paper aims at introducing a brief retrospective of the course of Terminology by showing its first records in dictionaries until the moment it is formally regarded as a subject area. Thus, we split the writing into two parts: we first show the state of the art in Terminology from the perspective of scholars who were or are pioneers in the area. We then list researches developed in Brazilian Sign Language Terminology

through a bibliographic review of theses and dissertations related to Lexicology and Terminology. Therefore, it is feasible to analyze the linguistic strands in the area and the principles on which researchers rely so as to solve issues related to Brazilian Sign Language (BSL) Terminology both in General Linguistics and Sign Language (SL).

INTRODUÇÃO

A Terminologia tem seu registro na história das línguas, muito antes de ser reconhecida como disciplina no espaço acadêmico. Segundo Faulstich (1997, p. 71), “[...] a terminologia tem origem e evolução desde o momento em que as línguas são organizadas em gramáticas e dicionário”. Com essas palavras, a autora apresenta uma análise minuciosa da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira (1553) e enfatiza a relevância dos vocábulos terminológicos registrados desde o século XVI.

A conquista de novas áreas e com o avanço conceitual na antiguidade, a Terminologia se consolidou nas áreas das ciências como: Botânica, Zoologia e Química em resposta a necessidade de busca de novas classificações e categorizações para as nomenclaturas criadas nas áreas de conhecimento, pois havia uma preocupação de se padronizar a linguagem de especialidade, principalmente a tecnológica. Com a expansão do léxico especializado e do

seu uso em espaços científicos, verifica-se o primeiro registro histórico da

palavra terminologia em 1864 (TUXI, 2017).

Como espaço científico, o primeiro vocabulário publicado no *Dictionnaire des sciences, des letters et des arts* define terminologia como: “palavra que designa um conjunto de termos técnicos de uma ciência ou de uma arte e das ideias que elas representam¹” (BARROS, 2004, p. 32).

Segundo Tuxi (2017), o conceito adotado tinha como objetivo identificar a terminologia como uma área de nomeação de objetos, elementos e ideias de uma determinada área. O campo de atuação desse conhecimento se amplia a tal ponto que o objeto do estudo em questão deixa de ser uma simples nomeação de um léxico especializado e passa a ser uma disciplina de descrição e análise de termos em contextos sociais de diversas línguas.

Dessa forma, o termo Terminologia quando grafado em letra maiúscula

¹ Dicionário de ciências, de letras e de artes (tradução nossa).

identifica que o estudo entende a área como um campo de estudo, isto é, uma disciplina com objeto específico e distinto que pertence a um novo contexto e novo paradigma. Para mais, a Terminologia descreve e analisa o léxico especializado em diversas áreas do conhecimento, dada a sua especificidade conceitual frente às palavras.

Contudo, uma nova interpretação teórica conhecida como Teoria Geral da Terminologia – TGT, formulada em 1931 é publicada pelo engenheiro Eugen Wuster (1998), particulariza ainda mais essa qualificação e descreve o termo como uma unidade lexical concisa que tinha como objetivo a padronização terminológica e assim evitar a ambivalência dos termos.

A TGT tem por princípio a uniformidade da comunicação. Concebe uma forma padrão universal para a língua de especialidade. Para o autor, a relação entre termo e conceito é baseada na abordagem onomasiológica (conceito-termo), que objetiva a definição tradicional, por meio da rotulação e designação dos conceitos empregados na linguagem de especialidade, para desenvolver o seu trabalho.

Apesar de ter sido uma teoria que marcou e divulgou grande parte dos

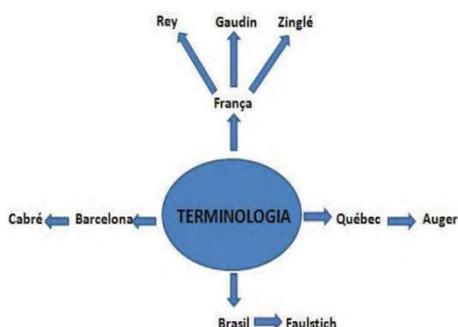
trabalhos da área de Terminologia, a TGT passou a ser questionada pois observava o termo a compreensão de um único sentido, sem perspectiva de usos relacionados aos aspectos sociais, culturais e variacionistas, dada a sua visão monorreferencial. Com isso, novos teóricos apresentaram um olhar com maior atenção à natureza teórica e prática da área.

1. TERMINOLOGIA PÓS-WÜSTER: UMA MUDANÇA DE PARADIGMAS

De acordo com Tuxi (2018) a partir da mudança conceitual de caráter padronizador das linguagens de especialidade, os estudos da Terminologia como disciplina começam a se expandir dentro das universidades. Quem bem representa essa evolução é a autora Faulstich (2012) que, em seu artigo intitulado “Terminologia, Socioterminologia, Dialetoлогия: afinidades e necessidades interdisciplinares”, apresenta uma figura intitulada que demonstra essa evolução.

Figura 1: Um trajeto pela Terminologia

Fonte: Faulstich (2012, p. 32)



Na Figura 1, Faulstich sistematiza os principais autores, que deram estrutura aos estudos da Terminologia e seus respectivos países.

Os estudiosos listados deram à Terminologia a feição de disciplina teórica e aplicada porque expuseram, em diversas obras, o caráter epistemológico do conteúdo, segundo uma perspectiva linguística e social de aplicação do conhecimento (FAULSTICH, 2012, p. 32).

Em ordem cronológica, apresentaremos abaixo um pouco de cada pesquisador e seu trabalhos.

Québec – Pierre Auges - 1976

Possui uma base de pensamento. Auges, desde 1976, rege-se pelo caráter transdisciplinar da Terminologia no

² Quebec é a única província canadense com uma maioria francófona (79%) e uma minoria anglófona (8,3%). É também a província com a maior porcentagem de [bilinguismo](#) (42,6% da população). Possui ainda 61% dos jovens

campo linguístico, assim como pela necessidade de se registrar o aspecto funcional da língua, com vistas a compendiar a teoria de base linguística. De acordo com Faulstich (2012, p. 35), o autor não reconhecia a terminologia como uma disciplina de atuação meramente prescritiva, em virtude do caráter inovador da Terminologia por meio da Socioterminologia. Em relação a esse pensamento inovador, Auger (2001.p. 53) considera o seguinte postulado:

Surge uma nova corrente chamada socioterminologia, em reação às escolas hipernormalizadoras desconectadas de situações linguísticas próprias a cada país; essa corrente busca suas origens no cruzamento da sociologia da linguagem e interação linguística (AUGER, 2001, p. 53).

Para Tuxi (2018) esse reconhecimento é reflexo da organização linguística da Terminologia ocorrida no Canadá. Ademais, as pesquisas apresentadas pelo autor representam a política linguística emergente e sistematizada em Quebec².

Vale destacar estes estudos possibilitaram a criação da La Commisioin de Terminologia de

francófonos. A forte influência francesa, presente desde os primórdios da colonização, torna a província de Québec sensivelmente diferente do resto do Canadá, porque o único [idioma](#) oficial é o francês (www.quebec.fr).

L'Office de la Langue Française du Québec (l'OLF) entre os anos de 1976 e 1987.

França – Alain Rey - 1980

O pesquisador e teórico Alain Rey (1980), na obra “*La terminologie, noms et notions*”, concebe a terminologia como uma área de análise do nome, na qual um sistema definido é capaz de registrar o conceito e sua definição. Para Rey, o sistema de nomeação e de definição dos termos corresponde à caracterização desses vocábulos dentro do espaço social das especialidades, espaço este que dispõe de uma denominação própria e determinada. Portanto, a formulação das palavras não são apenas de categorização, mas sim social, pois além de conceituar um termo requer uma sistematização eficiente e distinta, ou melhor, a concepção de um signo próprio precisa ser capaz de conter em si uma representação na língua e na cultura de uso.

França - François Gaudin – 1991

Fica claro, nos estudos de Faulstich (1995), que Gaudin é quem discute com mais propriedade a pertinência da terminologia voltada ao âmbito social.

Segundo Tuxi (2017) na obra “*Pour une socioterminologie: des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*”, publicada pela Universidade de Rouen, o autor registra os fundamentos da nova vertente da Terminologia: a Socioterminologia e define a Terminologia como um ramo da Lexicologia não limitado à tradução, documentação e normalização, mas sim uma disciplina propensa a estudar os termos que veiculam as significações já inseridas nas práticas sociais.

De acordo com Tuxi (2017), esse autor tem um significado especial pois aponta o estatuto de signo linguístico do termo em seus trabalhos, tendo como base o comportamento pragmático. O estudo do termo na Socioterminologia se baseia nas relações com os contextos sociais e culturais nos quais são aplicados, não sendo assim apenas a nomeação de um conceito científico ou técnico.

Espanha – Maria Tereza Cabré – 1992

O termo Terminologia, segundo Cabré (2005), contempla três noções: i) a disciplina; ii) a prática e iii) o produto gerado por essa prática. Como disciplina, a Terminologia é o de estudo dos termos especializados; como prática, tem confluência em uma mesma estrutura

dos princípios comuns do termo e, por fim, como produto dessa prática, corresponde ao conjunto de termos de uma determinada especialidade que pode ser constituída em espaços sociais diversos.

Para Cabré (ibidem), a terminologia se concentra no termo de maneira que seja uma unidade dotada de características linguísticas do campo de especialidade, a ponto de formar uma base terminológica sistematizada por concepções, enfoques e práticas às quais pertencem.

Brasil - Enilde Faulstich – 1995

A Professora Dra Enilde Faulstich da Universidade de Brasília – UnB, é a primeira pesquisadora no Brasil a apresentar um estudo teórico e aplicado sobre a Socioterminologia (TUXI, 2017). Em uma publicação intitulada “Base metodológica para pesquisa em Socioterminologia, Termo e Variação” a (1995), define a Socioterminologia em dois aspectos:

Socioterminologia, como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo, assentada no funcionamento da linguagem.

Socioterminologia, como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva

linguística na interação social (FAULSTICH, 1995. p. 1).

No Brasil, os estudos da Socioterminologia continuam sendo foco de pesquisa de Faulstich que hoje conta com um Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm na Universidade de Brasília UnB e o Laboratório de Linguística de Línguas de Sinais – LabLibras também situado na mesma universidade. Ambos os espaços desenvolvem vários estudos de Terminologia e Terminografia nas Línguas de Sinais. Que é o próximo tópico desse artigo.

2. LÍNGUAS DE SINAIS E TERMINOLOGIA: UM MOVIMENTO EM CONSTRUÇÃO

De acordo com Tuxi (2017), os estudos do Léxico e da Terminologia na Língua de Sinais Brasileira configuram um novo paradigma de cunho teórico e de organização linguística no meio acadêmico. Essa mudança resulta da necessidade que a LSB tem em ocupar o lugar de língua de comunicação e de interação. Como resultado as pesquisas em Terminologia das línguas de sinais passam a existir e o número de produções acadêmicas cresceu substancialmente.

Com esse crescimento considerado elementar, podemos dizer que o objetivo, dentre outros, de obras lexicográficas de natureza terminológica “é fornecer informações para a amplificação das atividades essenciais à sociedade de forma prática, a obter esclarecimentos sobre a linguagem por meio de termos utilizados em áreas específicas ou do conhecimento científico” (FELTEN, 2016, p. 114).

Considerando as atividades essenciais à sociedade de forma prática, esta pesquisa se baseia no levantamento feito por Tuxi no ano de 2017, em sua tese de doutorado, onde a autora faz um levantamento de pesquisas em que o conceito de Terminologia é trabalhado em línguas de sinais, em especial da LSB. Considerando o viés socioterminológico que considera a circulação dos termos e seu funcionamento na linguagem, a autora faz um levantamento dos estudos feitos em Instituições de Ensino Superior (IES) que versam sobre o tema Léxico e Terminologia das Línguas de Sinais com o objetivo de auxiliar pesquisas que tenham foco nessa questão, como é o caso desta. Nas subseções, a seguir, apresentamos o recorte.

2.1 Pesquisas centradas no Léxico e na Terminologia da Língua de Sinais

Para localizar os trabalhos que sistematizam os assuntos alusivos ao Léxico e à Terminologia, a autora buscou três plataformas online: i) Google³; ii) Google acadêmico⁴ – que têm a opção de busca em outras línguas e iii) banco de teses e dissertações da Capes⁵. As palavras-chave para a busca foram: i) terminologia e língua de sinais; ii) léxico e língua de sinais; iii) terminologia na Libras; iii) léxico na Libras e iv) Libras, léxico e terminologia.

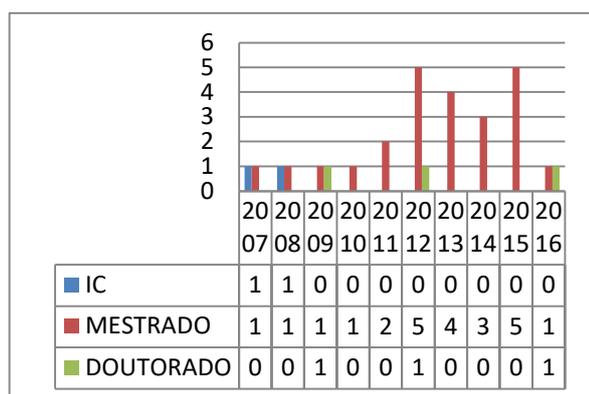
O resultado com essas palavras de busca foi infrutífera, poucos trabalhos acadêmicos foram localizados. A autora então buscou novas palavras: i) dicionário e língua de sinais; ii) glossário e língua de sinais e iii) vocabulário e língua de sinais. As novas consultas resultaram em um aumento significativo de trabalhos acadêmicos na área de Léxico e Terminologia da LSB. Em seguida foi verificado o conteúdo dos trabalhos e localizado 29 trabalhos acadêmicos na área com os temas Lexicologia, Lexicografia e Terminografia. Abaixo apresentamos o gráfico.

³ Site da Google: www.google.com.

⁴ Site da Google acadêmico: <https://scholar.google.com.br/>.

⁵ Site do banco de dissertações e teses da Capes: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>

Gráfico 1: Estudos de Léxico e Terminologia da LSB – Da Iniciação Científica à Pós-Graduação



Fonte: Tuxi (2017)

Neste artigo, daremos destaque a cinco trabalhos que consideramos significativos e que apresentam conceitos importantes para a área da Terminologia, da Terminografia e das línguas de sinais, são eles: Costa (2012); Prometi (2013); Douettes (2015); Nascimento (2016) e Felten (2016).

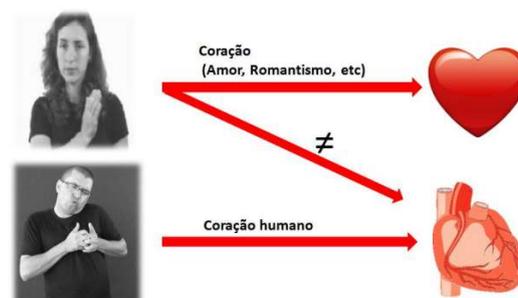
Iniciamos pela dissertação de mestrado de Costa (2012), em que o autor aborda o campo semântico dos sinais-termo do Corpo Humano. A metodologia estabelecida foi a da pesquisa qualitativa que consistia dos seguintes procedimentos: a) criação de sinais em Libras; b) validação dos sinais criados; c) elaboração de proposta de material didático com foco no aprendizado da Língua de Sinais Brasileira e do português e d) a criação de material didático ilustrado. Como resultado, o autor registrou 126 verbetes em LSB e, com eles, criou uma Enciclibras. A dissertação de Costa

(Ibid., Id) é importante para toda a área da Terminologia e da Língua de Sinais. Em sua orientação de mestrado do Faulstich (2012) surge o conceito de sinal-termo.

Cunhamos, em nossa pesquisa, o termo “sinal-termo” para designar um sinal que compõe um termo específico da LSB, no caso desta pesquisa, os sinais-terminos apresentados referem-se a termos do Corpo Humano apresentados em LSB (COSTA, 2012, p. 33).

Costa (2012) destaca o aspecto conceitual do sinal-termo, ou seja, distingue o uso do sinal para o léxico comum e do sinal-termo para o léxico especializado. Essa construção inovou os conceitos de estudos existentes na área de Terminologia das línguas de sinais. Desde então, o trabalho – orientado pela Prof.^a Dr.^a Enilde Faulstich – é uma fonte científica indispensável para aqueles que almejam realizar pesquisas em Terminologia e língua de sinais, conforme a Figura 2.

Figura 2: Sinal-termo CORAÇÃO



Fonte: Costa (2012, p. 36)

Outro quesito importante nessa dissertação é o tópico Criação de sinais específicos: expansão terminológica. Segundo o autor, “para criar sinais em Libras, em vista da expansão terminológica que a área do conhecimento exige, utilizamos as palavras comuns da LSB como base para criar novos sinais-termo” (COSTA, 2012, p. 47).

Figura 3: Sinais-termo bebê, criança, adolescente e adulto



Fonte: Costa (2012, p. 47)

De acordo com Tuxi (2017), a pesquisa de Costa traz a proposta inédita do conceito de sinal-termo em obras lexicográficas e terminográficas. Conforme a Figura 3, o autor apresenta o ponto de partida para a criação de novos sinais-termo e evidencia a necessidade de haver uma ruptura conceitual de representação, isto é, de perceber a diferença entre o sinal comum, que se refere ao léxico geral, e o novo sinal. No caso, o sinal-termo é criado para representar o conceito científico ou tecnológico de uma área específica. A próxima pesquisa apresentada por Tuxi (2017) no é de Daniela Prometi

(2013), cujo campo semântico refere-se aos sinais-termo da Notação Musical. O objetivo da autora na obra permeia a elaboração de um glossário bilíngue em Língua Sinais Brasileira e Língua Portuguesa com a finalidade de desenvolver a compreensão musical nos Surdos bilíngues, mediante a utilização dos próprios sinais-termo da Língua de Sinais Brasileira. A autora registra 52 verbetes no modelo bilíngue Língua Portuguesa/Libras e Libras/Língua Portuguesa. Para a área da Terminologia o trabalho de prometi é importante, pois registra o termo e o sinal-termo em glossário semi-bilíngue baseada na perspectiva teórica de Faulstich (2010).

Os dicionários bilíngues confrontam dois sistemas linguísticos e, notadamente, dois sistemas lexicais. São geralmente, constituídos de duas partes: uma em que a língua-fonte é Língua 1, como Libras para os surdos, e a língua-alvo é a L2, como o português para os surdos (Faulstich, 2010, p. 175). Se o glossário ou dicionário for bilíngue e reverso, deverá ser composto assim: $\neg L2 \rightarrow L1$, como Português \rightarrow LIBRAS e $\neg L1 \rightarrow L2$ como LIBRAS \rightarrow Português (PROMETI, 2013, p. 49).

Nesse sentido, ao considerar a estrutura acima apresentada, a pesquisadora chama atenção para os sistemas linguísticos envolvidos. Em sua visão, não é possível uma língua ser

traduzida literalmente de uma para a outra, mas sim o entendimento da existência de duas línguas com sistemas lexicais distintos. A respeito do caráter linguístico e político de uma estrutura bilíngue, na qual uma das línguas é Língua de Sinais (LS), Faulstich (2013) tece a seguinte afirmativa:

Um elaborador de glossário ou de dicionário bilíngue português-língua de sinais brasileira e vice-versa precisa conhecer as duas línguas para, necessariamente, representar os léxicos de acordo com os conceitos em harmonia. Harmonizar as línguas é combinar seus sistemas, de tal forma que, no léxico, o resultado apareça no bilinguismo explícito em conformidade conceitual entre os itens lexicais. Nesse caso, não basta traduzir a língua de sinais para o português ou o português para a língua de sinais porque poderá prevalecer, na língua de sinais, palavras soletradas manualmente (FAULSTICH, 2013, p. 5).

Nessa perspectiva, o pensamento de Faulstich (ibidem) mostra que o glossário bilíngue não é apenas uma obra traduzida literalmente de uma língua para a outra, mas sim dois sistemas linguísticos que, apesar de terem o campo semântico semelhante, possuem constituições do termo e do sinal-termo diferenciadas.

No que tange à criação de sinais-termo e organização de glossários, a pesquisa de Prometi (2013) se apresenta

como um marco relevante, pois foi o pontapé inicial de registro de glossários envolvendo línguas de sinais, na perspectiva de estudos Terminográficos. Outra pesquisa que também traz estudos significativos para a área e dissertação de Douettes (2015), que preconiza uma nova proposta de organização e registro de glossários. O objetivo desse projeto foi o de apresentar um recurso semibíngue com sinais-termo religiosos e afins, compilados em uma apresentação de verbetes tanto em Libras como em Língua Portuguesa aos consulentes.

A pesquisa de Douettes é significativa, visto que de forma crítica o autor questiona como os glossários, em que uma das línguas é a língua de sinais, é organizada. Segundo o autor

É preciso refletir sobre até que ponto os glossários de Libras/Português são realmente eficazes para o consulente surdo, já que apresentam o significado do léxico em Língua Portuguesa, uma língua que a maioria dos sujeitos surdos não domina fluentemente. Essas e outras são questões a se considerar nas futuras pesquisas nesta área (DOUETTES, 2015, p. 219).

À vista disso, como forma de organização, o autor propõem um modelo de glossário semibíngue em Libras com conceitos e exemplos dos sinais-termo acessíveis ao consulente

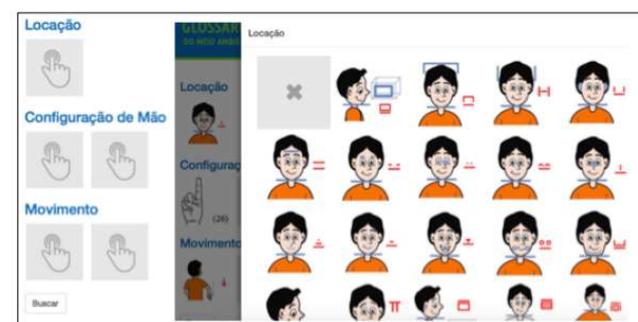
surdo. Para tanto, o autor utilizou vídeos reunidos em uma mídia anexa ao glossário, como parte dos recursos desse projeto. No DVD encontram-se 93 sinais-termo ordenados sob a forma de menu. Além dos conceitos, cada dado possui também exemplos retirados das obras analisadas. Outro ponto de destaque nesse trabalho é a apresentação do glossário em ordem alfabética a partir dos nomes dos personagens bíblicos e suas histórias.

Outra característica importante podemos observar na pesquisa desenvolvida pelo autor. No trabalho, o autor utiliza janelas distintas, isto é, uma para o sinal, outra para descrição, exemplo e variação. Assim, de acordo com Tuxi (2017) é possível visualizar o contexto selecionado de modo diferenciado, tanto no verbete escrito, no nosso caso em língua portuguesa, quanto em outros moldes, tais quais a descrição de cada elemento que constitui o verbete. Ao analisarmos o trabalho realizado por Douettes (2015), reconhecemos como um grande passo, pois a distinção mediante o uso de janelas e cores configura uma proposta muito sugestiva sob o ponto de vista metodológico, uma vez que, além de permitir diferenciar os elementos de constituição do verbete, possibilita ao consulente surdo a visualização completa do vocábulo

juntamente com as suas devidas descrições e referência, dentro dos princípios da modalidade linguística da LS.

O próximo trabalho apresentado por Tuxi (2017) é o de Nascimento (2016). A autora se empenha em estudar as questões relativas ao campo semântico do Meio Ambiente. No contexto em questão, o objetivo traçado no trabalho foi o de desenvolver um glossário ilustrado semibilíngue da área de Meio Ambiente, com vistas à escolarização de surdos do Ensino Fundamental. A inovação é o processo de organização de obras lexicográficas e terminográficas em línguas de sinais. A estrutura apresentada pela autora se mostra de grande importância para a área da Terminografia, uma vez que apresenta a escrita de sinais como mecanismo de busca, como podemos verificar na Figura 4, a seguir.

Figura 4: Mecanismo de busca pela LSB



Fonte: Glossário Ilustrado do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://glossariolibrasportugues.com.br/verbete/sinal/>> Acesso em: 22 ago. 2016.

Fonte: Nascimento (2016, p. 184)

Outra inovação apresentada pela autora é o mecanismo de busca pela imagem, como apresentamos a seguir.

Figura 5: Mecanismo de busca pelas ilustrações



Fonte: Nascimento (2016, p. 184)

Na Figura 5, observamos que a autora oferecer imagens de um determinado campo semântico ao consulente. Isso mostra que Nascimento (2016) valoriza, de forma concatenada e bem organizada, o conceito dos sinais-termo com foco no visual.

Por fim, apresentamos a pesquisa empreendida por Felten (2016), cujo campo semântico permeia os sinais-termo da História do Brasil. O objetivo foi sistematizar os termos da História do Brasil no português e propor a criação de sinais-termo correspondentes na LSB. Segundo Tuxi (2017), a dissertação de Felten mostra-se inovadora pelo aspecto de criação e formação das unidades terminológicas. O autor aplica em sua obra a construção de Unidade

Terminológica Sinalizada (UTS) proposta por Faria-Nascimento (2009).

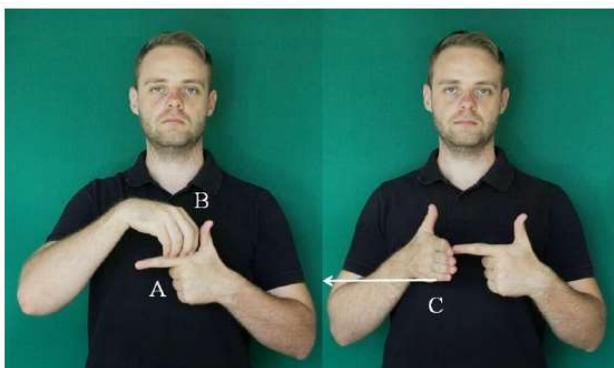
A constituição morfológica dos sinais-termo criados por esta pesquisa segue a proposta de Faria-Nascimento (2009) na construção das UTS, que consiste na análise dos parâmetros isoladamente e combinados. Esse estudo é orientado pelos parâmetros fonológicos da Libras, a saber, Configuração de Mão (CM), Movimento (M) e Ponto de Articulação (PA), considerados primários. E dos outros dois parâmetros considerados secundários, Orientação da Palma da Mão (OP) e as Expressões Não Manuais (Expressões Faciais e Corporais) (FELTEN, 2016, p. 95).

Felten apresenta uma proposta interessante de trabalho a partir do estudo das unidades terminológicas sinalizadas (UTS) e da análise da constituição de unidades terminológicas complexas sinalizadas (UTCS). O estudo tem como base o pressuposto teórico de Faulstich acerca do “Constructo F” (FAULSTICH, 2003). O autor vai além nas análises terminológicas e propõe um postulado sobre as Unidades Terminológicas Complexa Sinalizada (UTCS). O postulado de Felten, por vez, contempla a língua de sinais – no caso, a Língua de Sinais Brasileira.

Na Figura 6, a seguir, podemos observar a representação imagética do sinal-termo SEGUNDO REINADO como uma UTCS formada por três outras

unidades lexicais sinalizadas: SEGUNDO/DOIS (A), COROA (B), e PERÍODO (C).

Figura 6: Sinal-termo SEGUNDO REINADO



Fonte: Felten, (2016, p. 110)

A área de estudo das análises das estruturas do sinal-termo, bem como a sua categorização quanto ao tipo de unidade terminológica é ainda, segundo Tuxi (2017), uma temática conceitual pouco pesquisada nos ambientes acadêmicos atualmente. Esse exemplo mostra a possibilidade de se iniciarem novas pesquisas na área da Terminologia das línguas de sinais.

Os trabalhos elencados neste artigo demonstram a diversidade das pesquisas realizadas na área da Terminologia na LSB. Tal avanço indica a necessidade que os usuários de língua de sinais têm em sistematizar o léxico e os termos de especialidade, a partir dos conhecimentos já ordenados na Língua Portuguesa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o histórico das pesquisas terminológicas nas línguas orais e nas línguas sinais, é preciso reconhecer que, como ocorrem pesquisas acadêmicas nas línguas orais atualmente, é importante que se tenha um registro formal de publicações científicas, bem como da organização de dicionários especializados para usuários da LSB, visto que as línguas de sinais estão presentes nos mais diversos espaços sociais, graças às implementações das práticas de acessibilidade, pois conforme Felten (2016) todo o percurso das pesquisas em terminologia e Terminografia das línguas de sinais procuram contribuir para um diálogo provocativo interdisciplinar entre campos científicos.

Pretende-se, ainda, com as pesquisas aqui apresentadas, revelar os brilhantes estudos e análises da Lexicografia e Terminografia iniciadas em vários campos científicos e em diferentes Estados brasileiros. Há, ainda, tantos outros estudos não menos importantes, entretanto, foi necessário selecionamos alguns para que entendamos os processos da identificação das estratégias lexicográficas da língua de sinais e de fixação do léxico que contribui para a história da identidade do povo Surdo.

Garantir o direito à acessibilidade linguística, é ir além da visão tradicionalista que ainda perdura em alguns imaginários humanos, bem como desfazer a barreira ideológica que supõe que todo esse universo linguístico se resume a uma simples prática de

tradução do português para a língua de sinais.

Ao refletir sobre o conteúdo apresentado nos estudos selecionados, percebemos a urgente necessidade de continuação de pesquisas na linha que sistematiza os sinais em obras de referência.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. Gaudin, F. **Socioterminologie. Une approche sociolinguistique de la terminologie.** Paris, Duculot, 2003. São Paulo: Humanitas, TradTerm, 2003 (Resenha).

AUGER, P. **Essai d'élaboration d'un modèle terminologique/terminographique variationniste.** Tradterm, São Paulo, v. 7, p. 183-224, dec. 2001. ISSN 2317-9511. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/tradterm/article/view/49148/53231>>. Acesso em: 15 july. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49148>.

COSTA, M R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclolibras.** Brasília, 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

DOUTTES, B. B. **Tradução na criação de sinais-termo religiosos em Libras e em uma proposta para organização de glossários terminológicos semibilíngues.** 2015. 440f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina.

FAULSTICH, E. **Redes de remissivas em um glossário técnico. In: Léxico e Terminologia (Coletânea de Textos).** Universidade de Brasília, 1993, p. 174-184.

_____. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*. Brasília, v.24, n.3, p.281-288, 1995

_____. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação.** Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995a.

_____. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina.** Ciência da Informação (artigos), [S.I.: s.n.], vol. 24, nº 3, 1995b.

_____. **Spécificités linguistiques de la lexicologie et de la terminologie: nature épistémologique.** Meta: Journal des Traducteurs, Montreal, v. 41, n. 2, p. 237- 246, 1996

_____. **Da linguística histórica à terminologia.** Investigações (UFPE. Impresso), Recife, v. 7, p. 71-101, 1997.

_____. **Aspectos da terminologia geral e terminologia variacionista.** TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. São Paulo, v. 7, p. 11-40, 2001.

_____. **Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários.** Brasília: 2001. LIV/UnB/ Centro LexTerm, 2001.

_____. **Variação em terminologia: aspectos de socioterminologia.** In: RAMOS, G. G.; LAGOS, M. F. P. (Coord.). Panorama actual de la terminologia. Granada: Interlingua, Editorial Comares, 2002. p. 65-91

_____ e ABREU, S. P. de (Org.). **Linguística aplicada à Terminologia e à Lexicologia: cooperação internacional Brasil e Canadá.** Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2003. p. 11-31

_____. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: SALLES, H. M.M. Lima (org.) **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais.** cap. 6. GO: Cãnone, 2007, p.119-142.

_____. **A Terminologia na Universidade de Brasília.** Terminômetro, p.13-15, 1998. Número Especial Terminologia no Brasil. Disponível em: <http://www.termilat.info/public/env682.rtf> Acesso em: 30 set. 2008.

_____. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et alli (Org.). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida** – homenagem a Socorro Aragão. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166 – 185.

_____. **Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica.** Organon, Porto Alegre, 2011, v.25, n. 50, p. 181-220.

_____. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, Vol. VII. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

_____. **Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1.060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa - MEC/SECADI – 2014.**

_____. Nota lexical (2012). Disponível em: www.centrolexterm.com.br Acesso em 11 de setembro de 2015.

_____. Procedimentos básicos para glossário sistêmico de léxico terminológico: uma proposta para pesquisadores de língua de sinais. In: ISQUERDO, A. N.; dal CORNO, G. O.M. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, volume VIII, 2016, 13p.

_____. Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na língua de sinais brasileira. In: **Léxico e suas Interfaces: Descrição, Reflexão e Ensino**. 1. ed. Araraquara/SP: Cultura Acadêmica, 2016.

_____. Glossário de termos empregados nos estudos da Terminologia, da Lexicografia e da Lexicologia. In: **Série Léxico & Terminologia**. Brasília: Centro Lexterm, Universidade de Brasília, inédito, 2013b.

_____. **Efeitos da (nova) ortografia no léxico do português: mecanismos gramaticais na grafia de algumas palavras e resultados no uso**. In: LOBO, Tania et al. (Orgs.). (Org.). ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2012, v. 1, p. 363-379

FARIA-NASCIMENTO. S.P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicografica**. Brasília, 2009. 290 f. Tese (doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2009.

_____. CORREIA, M. **Um olhar sobre a morfologia dos gestos**. Lisboa: UCP, 2011. (Coleção: Língua Gestual Portuguesa – nº15), 2011.

_____. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, R. M., STUMPFM. R. e LEITE, T. A. (orgs) **Estudos da língua**

brasileira de sinais. Séries Estudos de Língua de Sinais. V. I. Florianópolis: Insular. 2013.

FELTEN, E. F. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história.** 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

GAUDIN, F. **Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie.** Bruxelas: De Boeck & Larcler, 2003.

NASCIMENTO, C. B. do. **Terminografia Língua de Sinais Brasileira:** proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital. 2016. 167 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PROMETI RIBEIRO, D. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira:** Criação de sinais dos termos da música. Brasília, 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.